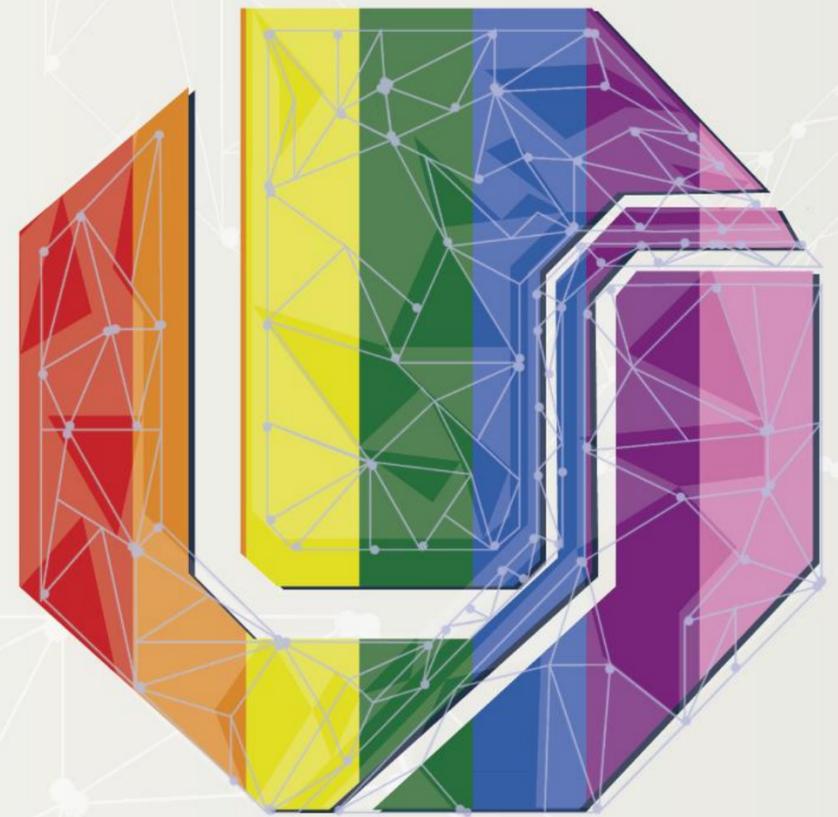


E-book Mês da Diversidade

**O PRECONCEITO AFASTA
E O RESPEITO UNE**



Minha Mãe Sabe

Denise Barbosa - Iara Marques – Neuza Maria



Editoração: Equipe PROAE

Conteúdo elaborado por: Denise Barbosa, Iara Marques e Neusa Maria

Base de Imagens: <https://br.freepik.com>

Apoio:

Divisão de Promoção de Igualdades e Apoio Educacional (DIPAE)

Divisão de Saúde do Estudante (DISAU)

Diretoria de Inclusão, Promoção e Assistência Estudantil (DIRES)

Diretoria de Qualidade de Vida do Estudante (DIRVE)

Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROAE)

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)



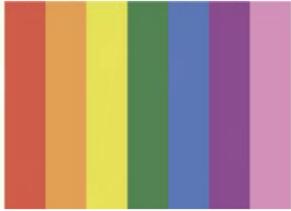


Trajetória de uma Mãe de Trans.

O ano começava como qualquer outro. Eu fazia contagem regressiva para me aposentar. Já haviam passados 31 anos desde a formatura, com a maioria deles na militância em defesa do SUS. Pensava em desacelerar. Imaginava que agora viria a bonança. Só imaginava...

A filha mais velha já tinha batido asas, construindo sua própria história. A mais nova terminando o mestrado e também anunciando o vôo para fora do ninho.

A caçula sempre foi uma pessoa pouco participativa nos eventos familiares. Adorava se entregar à leitura, escondida em seu recanto, no quarto. Fugia das fotos e dos grandes eventos. Já tinha tido um namoro longo, que havia acabado. Será que era por isso? Um dia ela criou coragem e nos disse: Sou Bissexual. Para nós, pai e mãe, não foi novidade. Já tínhamos percebido seu interesse por meninas. Nos abraçamos. O importante é ser feliz



Minha Mãe Sabe



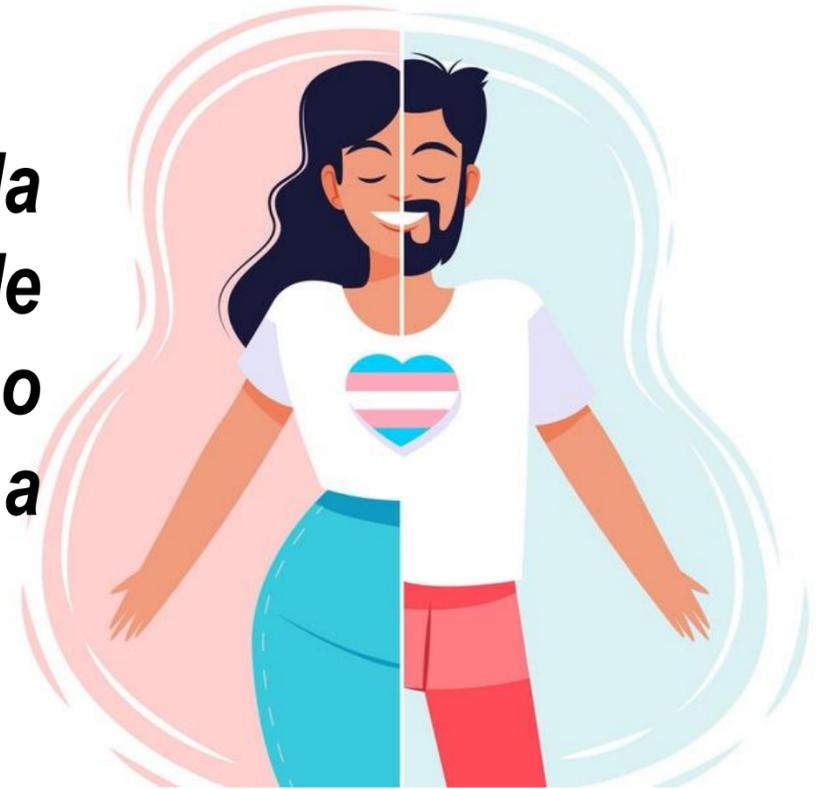
Com o carnaval, que ela não gostava, minha casa sempre vira ponto de apoio para vários amigos. Estamos bem próximos do movimento dos blocos de BH. Foi aí que comecei a perceber um jeito diferente de se vestir na minha filha. Roupas completamente masculinas. Binder.

O que é isso? Por quê? Percebi que tinha mais alguma coisa acontecendo. Mas parei por aí. Tinha medo de pensar... Fiz de conta que não via. Alguns meses se passaram. Enfim, em julho, veio a defesa da dissertação do mestrado. Eu me sentia a mãe mais orgulhosa do mundo. E empolgada.

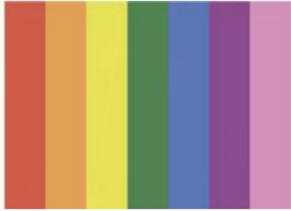




Mas neste mesmo dia veio a notícia bomba. Ela me entregou um livro pra ler. Era a história de um menino que se sentia preso em um corpo de menina. A cada página eu repassava a história da nossa vida.



A boneca que dei de presente e que nunca saiu da caixa, as roupas da seção feminina que eram um verdadeiro suplício para escolher, o sofrimento que foi a primeira menstruação... No final do livro tinha uma carta, descrevendo tudo que vinha sentindo há muitos anos e que terminava mais ou menos assim: "Mãe, Pai, eu tentei, mas não sou uma menina. Me desculpem por não conseguir falar. Com amor, seu filho Pedro" Nesta hora me senti caindo num turbilhão. Chorei. Chorei muito! Essa nossa sociedade é cruel demais! O que irão fazer com ele? A gente sente um medo absurdo. É uma mudança muito radical.



Minha Mãe Sabe

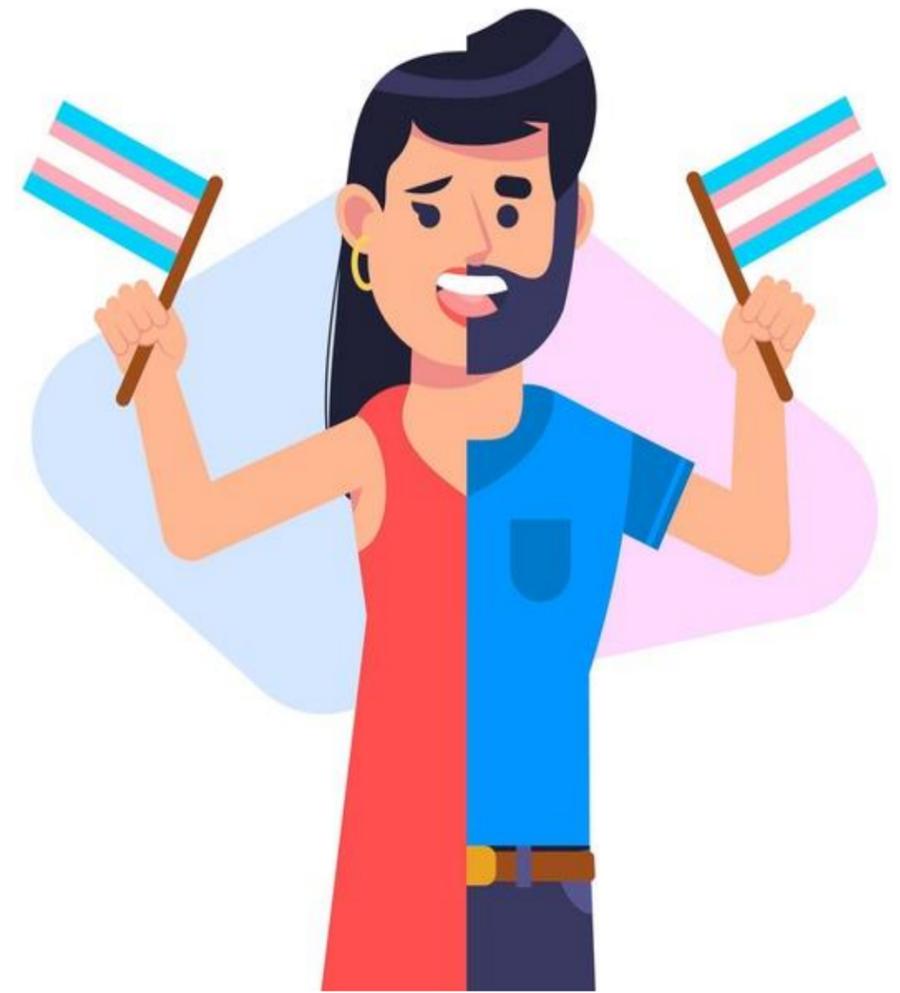


É como se estivéssemos navegando num barquinho em plena garganta do diabo das Cataratas do Iguaçu. A sensação é de impotência! Meu Deus! O que eu faço? Procuramos um amigo psicólogo. Não sei se ele tem noção do bem que me fez quando perguntei: e minha filha?

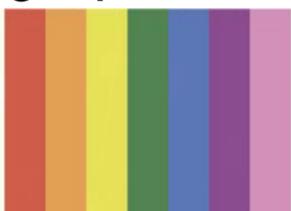
E ele respondeu: está lá, no mesmo lugar, com todos os valores que você ensinou, com todo o caráter que você deu, inclusive com a força e a coragem que você deu, pra tomar esta decisão. Só mudou o invólucro. Sim! Eu não precisava perder a filha para receber o filho. A pessoa é a mesma.

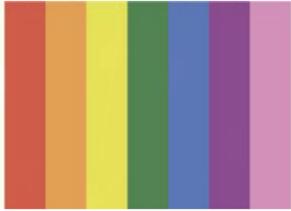
O espírito é o mesmo. E vai ser mais feliz agora. Foi uma sensação reconfortante. Aí aparecem outras angústias.

Como não percebi antes? Por que não ajudei antes? Eu podia ter diminuído o sofrimento. Mas a vida vai nos cercando de coisas boas. Uma pessoa muito especial me apresentou a um grupo de mulheres sensacionais.



Como não percebi antes? Por que não ajudei antes? Eu podia ter diminuído o sofrimento. Mas a vida vai nos cercando de coisas boas. Uma pessoa muito especial me apresentou a um grupo de mulheres sensacionais.





Minha Mãe Sabe



Um coletivo composto por mães e pais de LGBTQIA+. Um espaço para acolhimento e luta pelos direitos dos filhos, filhas e filhas. Com essas Mães encontrei apoio e me descobri fazendo parte de um grupo. A sensação de saber que não lutamos sozinhos é acolhedora, é fortalecedora. Entendi que cada um tem seu tempo e que tudo que podemos fazer é estar lá para apoiar e nos tornar o porto seguro dentro desta sociedade tão agressiva com eles.

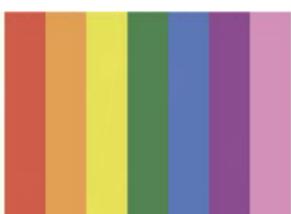


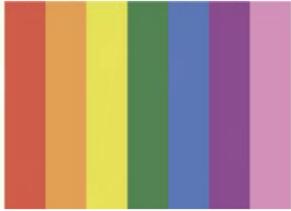
Assim, através do respeito à pessoa que ele é, do reconhecimento dos valores que ele tem, da verdade sempre presente e do amor incondicional, nosso barco atravessou o turbilhão e chegou novamente as águas calmas do rio da vida! E agora o Mães pela Liberdade faz parte da minha caminhada.

Estaremos sempre disponíveis para todas as famílias que precisem se encontrar, precisem arrumar a porta do armário, soltar as amarras sociais e encontrar a felicidade. E tenham certeza, como diz o lema do Mães pela Liberdade de Minas Gerais: “Quando o amor transborda, se transforma em ação”.

Iara Marques Barbosa Chaves

Justin – Como ser um menino preso em um corpo de menina?





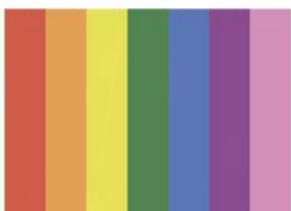
Minha Mãe Sabe

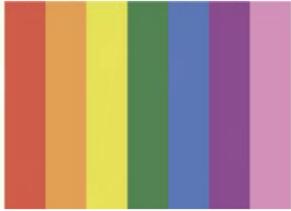


Venho de uma família linda em diversidade. Entre 11 irmãos, um irmão mais novo é gay e uma irmã mais velha é lésbica. Meu irmão sofreu muito bullying na escola e meu pai, militar aposentado, nunca se aproximou dele, dessa forma, meu irmão não teve amor de pai, porém é muito amado por nossa mãe e pelos irmãos e irmãs.

Cresci nesse contexto familiar nordestino e simples de família numerosa e, apesar de tudo, amorosa. E foi nesse cenário que me tornei a mãe que sou hoje. Após quatro anos de casada, já aos 27 anos de idade, decidi me tornar mãe e alguns meses depois nasceu a coisinha mais fofa desse mundo. Por volta dos três aninhos percebi que ele gostava de brincar com as meninas, brincar de casinha, com bonecas, de pentear cabelos e outras brincadeiras semelhantes.

Observei por um tempo, lembrei algumas passagens do meu irmão e percebi como eram semelhantes. Processei a informação de forma tranquila e, depois de um tempo, com muito cuidado, conversei com o pai dele sobre isso. O pai teve um pouco de dificuldade em aceitar o fato, resistiu, observou e depois de muito diálogo entre nós dois, ele percebeu que essa questão não interferia na relação pai e filho, dessa forma, concordamos acompanhar naturalmente seu desenvolvimento e estarmos atentos para não permitirmos que ninguém o prejudicasse por ele ser como é. Assim, conforme ele crescia todos/as colegas/amigues (que eram poucos) eram bem-vindes em nossa casa para passarem o dia ou o final de semana.





Minha Mãe Sabe

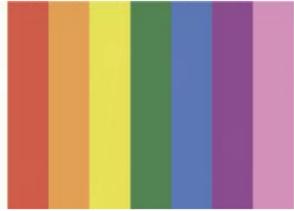


Infelizmente não conseguimos evitar as situações de bullying na escola, o receio de não ser aceito pela família do pai, a crise da autoafirmação na adolescência, o conflito sobre “quem sou” ... enfim, a compreensão sobre si mesmo.

Em muitos momentos me senti impotente sem saber o que fazer, o que orientar, como ajudá-lo nesse processo. Até que em determinado momento entendi que a única coisa possível era apoiá-lo e estar junto sempre que ele precisasse, e é isso que tenho procurado fazer, estar junto.

Mesmo assim já fiquei e fico noites sem dormir direito com receio que o filho de outra mãe machuque meu filho por odiá-lo pelo simples fato dele se vestir diferente do que se considera usual, por ele ter um namorado e não uma namorada. É incompreensível para mim um ser humano odiar outro ser humano, machucar e até matar em nome de um ódio insano sem sequer conhecer o outro.





Minha Mãe Sabe



Foi aí que percebi que outras mães poderiam ter esse mesmo anseio e comecei a buscar pessoas com quem pudesse compartilhar esses sentimentos e encontrei, na época, o Mães pela Diversidade (Um grupo nacional que luta pelos direitos dos filhos/filhas/filhos) e logo depois aconteceu a formação do coletivo Mães pela Liberdade – MG, que também vem para acolher as famílias e mostrar à sociedade que nossos filhos/filhas/filhos LGBTQIA+ não são diferentes dos outros filhos/filhas héteros.

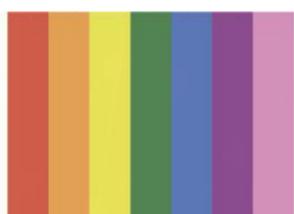
Eles/as nascem, crescem, são amados/as e amam e desejam ser felizes como qualquer outra pessoa deseja ser. Hoje fico feliz de ver o ser humano lindo que se tornou. E o quanto ele me ensina sobre o Amor que transcende qualquer conceito, sobre o Amor que é construído desde o ventre materno e que vai se expandindo com a convivência, com as conversas do dia-a-dia, com as divergências de opiniões, com as lágrimas e com os sorrisos. Enfim, falar de filho/a/e é falar de Amor e no Amor não há condições, simplesmente Amamos.

Denise da Silva Monte Barbosa

Amar e acolher = Cuidar e proteger 🌈.
Tamo junto.



MÃES
pela
Liberdade
MG

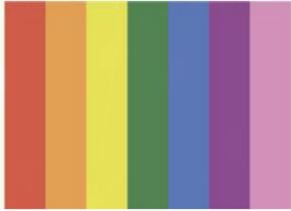




Meu filho tinha em torno de 4 anos de idade quando percebi uma tendência diferente dos outros meninos, gostava de brinquedos e brincadeiras mais parecidas com as que as meninas gostavam. Nessa mesma época conversei com uma psicóloga que era professora e coordenadora da Universidade e ela me indicou uma colega para que eu o levasse para uma consulta, esta por sua vez me orientou que na idade em que ele se encontrava a criança não fazia diferença entre o que é de menino ou menina, simplesmente a criança brinca com o que ela gosta, pela curiosidade, e não era isso que definiria sua situação na sua vida adulta.

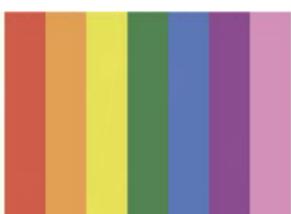
Durante seu crescimento a diferença entre ele e o irmão era visível, enquanto o irmão gostava de futebol, ficava envolvido com os amigos, os primos, ele sempre preferia ficar mais próximos das amigas, fazendo as mesmas coisas e se divertindo entre elas, possuía mais facilidade para fazer amizades com as colegas ou amigos que na fase adulta se revelaram gays.

O tempo foi passando e com a preocupação de mãe o meu pensamento era que poderia ser coisas de minha imaginação e que, se eu o estimulasse a esse comportamento eu o induziria a ser o que não era para ser.



Dessa forma naturalmente as coisas foram acontecendo, passou pela infância, veio a adolescência, foi um período em que ele se encontrava muito apático, eu conversava com ele para saber o que estava se passando, ele sempre dizia estar tudo bem, por vezes eu o levei ao médico para verificar sua saúde que sempre estava boa e nada me levou a pensar na questão da sua sexualidade, talvez pelo fato da separação entre mim e pai dele que aconteceu nessa época, portanto achei que isso poderia ser a causa da apatia e até mesmo de alguns sintomas físicos que apresentava, e com o passar do tempo, já com 16 (dezesesseis) anos de idade ele me revelou ser gay.

Durante todo o período da infância, adolescência na verdade ele não esteve bem, confessou ter desejado suicídio por achar que toda família iria rejeitá-lo e que ninguém mais ia gostar dele no momento em que soubessem da sua homossexualidade, esse foi um momento muito difícil e triste, falou das dificuldades sofridas na relação escolar, sofreu muito com o bullying e isso o trouxe muito sofrimento e tristeza, eu como me senti culpada, mesmo tendo sido muito presente na vida dele, não estiva junto dele em seus piores momentos.





Eu trabalhava o dia todo, mas não descuidava dos meus filhos em todos os aspectos, ficava atenta as questões da saúde, educação, dedicava todo o meu tempo a eles nos períodos em que me encontrava em casa, mas embora eu não faltasse a nenhuma reunião escolar, nunca me disseram nada do que acontecia naquele ambiente em relação a meu filho, apenas que ele se comportava muito bem, era um menino de ouro, tinha um bom desenvolvimento e boas notas, costumava ganhar até medalhas na escola pelo bom rendimento e comportamento.



*Proteção, Cuidado,
Respeito sempre.
Amor eterno.*



E assim, sem um conhecimento necessário sobre a situação do meu filho, a falta de profissionais preparados para me orientar me limitou a ajudá-lo e isso contribuiu muito para o seu sofrimento que até hoje reflete em sua vida na forma de depressão, o que requer um tratamento adequado e terapia para ficar bem.

. E assim, desde o momento em que ele confessou ser gay, tudo que fiz e tenho feito é adquirir todo conhecimento a respeito de sua situação para ajudá-lo a enfrentar as suas e as minhas dificuldades e assim acolhê-lo, compreender suas necessidades e sentimentos para que ele possa viver bem, sem precisar representar, sendo ele mesmo.

Neuza Maria Henrique Lopes